

colunista

vera iaconelli



Psicanalista, fala sobre relações entre pais e filhos, as mudanças de costumes e as novas famílias do século 21

Enxurrada político-onírica no teatro de Gerald Thomas

leia também

Aborto masculino e a compra de cigarros

Psicanalista, fala sobre relações entre pais e filhos, as mudanças de costumes e as novas famílias do século 21

Enxurrada político-onírica no teatro de Gerald Thomas

Dilúvio

Duas mulheres nuas estão penduradas pelo braço, com os pés sobre dois pedestais nos quais mal se apoiam. De cima de cada uma jorra incessantemente um fio de sangue. Ao fundo um desenho alude a uma caravela. Estamos na senzala, na Inquisição, em Guantánamo, na ditadura militar ou na diuturna perseguição a transexuais?

Não há conversa, corriqueira que seja, que não acabe na constatação de que vivemos tempos difíceis. As discussões atuais fazem supor que a humanidade já foi, em algum período, melhor que isso. Argumento difícil de sustentar, bastando lembrar Inquisição, escravidão e guerras para que capitulemos na defesa do passado. Mas temos que convir que hoje a questão do tempo é algo inédita. O descompasso entre o tempo externo, das redes sociais e o tempo interno, dos nossos afetos e de nossa compreensão é assustador. Tudo é rápido e é muito, é tudo muito rápido. Esse troço chamado modernidade não tem perspectiva de freio, nem amortecedor. Ainda assim, que o saudosismo não nos sirva de guia em direção à barbárie (lembremos o clamor de alguns pela volta ao regime militar!).

Uma mulher corre em círculos entre pedaços de corpos chamando desesperadamente por alguém, ao som de metralhadoras. Outra mulher rega cuidadosamente um jardim de guarda-chuvas imprestáveis. Estamos em 11 de setembro, Aleppo ou na periferia de São Paulo?

Os tempos do sujeito, tempos de cada um de nós para amar, odiar, desejar são incomensuráveis e regidos pelo nosso inconsciente. Quanto tempo dura o luto de um grande amor, o ressentimento de uma humilhação, o efeito da descoberta de um segredo familiar? Tememos as manifestações do inconsciente e fazemos de tudo para ignorá-las. Só levamos uma psicanálise a cabo porque não suportamos conviver com nós mesmos e porque nossos jeitos de tentar driblar as angústias geram sintomas sofridos demais. Fazer análise "para se conhecer melhor", como se fosse turismo, é papo furado de estudante de psicologia.

Duas mulheres, sustentadas por cabos, flutuam numa coreografia de tirar o fôlego, ora como personagens kafkianos, ora como amantes/rivais. Somos a profusão de laços e desencontros, sexo e socos, que suspira por um simples abraço?

Os sintomas são como uma mensagem colocada numa garrafa e jogada ao mar por nós mesmos na esperança de que os encontremos e os leiamos. Tentar ignorá-los equivale a queimar a mensagem antes de lê-la e, pior, não nos livra deles. O desamparo é afeto inerente à experiência humana. Os efeitos sobre o laço social se dão na medida que acreditamos que alguém poderá nos salvar do desamparo. A busca por um salvador serve como uma luva às tiranias de plantão. Como tem apontado com rigor Vladimir Safatle, nada mais alarmante no Brasil de hoje do que a instrumentalização política dos afetos de medo e esperança.

"Dilúvio", peça arrebatadora de Gerald Thomas em cartaz no Sesc até 17/12, da qual saíram as cenas acima descritas, revela a forma que o artista encontra para lidar com o caos das angústias, que tanto nos movem, quanto nos paralisam. De uma coragem explícita, a encenação aponta para a arte como alternativa ao terror. Aos que lutam contra a barbárie todos os dias, de diferentes formas, nossos profundos aplausos.

TRANSLATION-

Psychoanalyst, talks about relationships between parents and children, changes of customs and new families of the 21st century

Politician-dream in the theater of Gerald Thomas

Flood

Two naked women are hanging by the arm, with their feet on two pedestals in which they hardly support. From above each one incessantly springs a thread of blood. In the background a drawing alludes to a caravel. Are we in the senzala, the Inquisition, Guantanamo, the military dictatorship or the persecution of transsexuals?

There is no conversation, no matter what the case may be, that it does not end in the realization that we live in difficult times. Current discussions suggest that humanity has, at some point, been better than that. Argument difficult to sustain, just remember Inquisition, slavery and wars so that we capitulate in the defense of the past. But we must admit that today the question of time is something unprecedented. The mismatch between external time, social networks and internal time, our affections and our understanding is frightening. Everything is fast and it is very, everything is very fast. This section called modernity has no perspective of curbs or damping. Still, let the nostalgia not serve as a guide to barbarism (remember the clamor of some for the return to the military regime!).

A woman runs in circles between pieces of bodies calling desperately for someone, to the sound of machine guns. Another woman carefully watered a garden of useless umbrellas. Are we on September 11, Aleppo or on the outskirts of São Paulo?

The times of the subject, times each of us to love, hate, desire are immeasurable and governed by our unconscious. How long is the mourning of a great love, the resentment of a humiliation, the effect of the discovery of a family secret? We fear the manifestations of the unconscious and do everything to ignore them. We only carry out a psychoanalysis because we can not bear to live with ourselves and because our ways of trying to overcome the anguishes generate symptoms suffered too much. Doing analysis "to get to know yourself better", as if it were tourism, is a student of psychology.

Two women, supported by cables, float in a breathtaking choreography, sometimes as kafkanian characters, now as lovers / rivals. Are we the profusion of ties and mismatches, sex and punches, who sighs for a simple hug?

The symptoms are like a message placed in a bottle and thrown overboard by ourselves in the hope that we will find them and read them. Trying to ignore them is tantamount to burning the message before reading it, and worse, it does not get rid of them. Homelessness is an inherent affection of human experience. The effects on the social bond occur as we believe that someone can save us from helplessness. The search for a savior serves as a glove for tyrannies on duty. As Vladimir Safatle has pointed out, nothing is more alarming in Brazil today than the political instrumentalization of the affects of fear and hope.

"Deluge," a catchy piece of Gerald Thomas's poster on SESC until 17/12, from which the scenes described above depart, reveals the artist's way of dealing with the chaos of anguish that both moves us and paralyzes us. From an explicit courage, the staging points to art as an alternative to terror. To those who fight against barbarism every day, in different ways, our deep applause.